



“Médicas da Terra” em Conexão com a Natureza: O Uso de Plantas Medicinais por Mulheres Ribeirinhas

“Earth Doctors” in Connection with Nature: The Use of Medicinal Plants by Riverside Women

Benedita Celeste de Moraes Pinto

Universidade Federal do Pará (UFPA)
Cametá/PA-Brasil

Clara Rízia Pinheiro Felix

Universidade Federal do Pará (UFPA)
Limoeiro do Ajuru/PA-Brasil

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar práticas de utilização de remédios caseiros, à base de plantas medicinais, por mulheres da comunidade do Rio Japiim Grande, no município de Limoeiro do Ajuru, no Pará, com atenção especial à gravidez e ao puerpério. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em observação participante, entrevistas semiestruturadas, utilizando técnicas e métodos da história oral. O estudo evidencia a riqueza dos saberes das mulheres da comunidade ribeirinha do rio Japiim Grande no que se refere às propriedades, modos de preparo e usos específicos das plantas medicinais, evidenciando a relevância de seus saberes ancestrais na manutenção da vida e da saúde comunitária, além de destacar a resistência dessas práticas tradicionais de cuidado, baseadas no uso de ervas e plantas, frente aos reflexos da herança colonial, que ainda operam na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Saberes Tradicionais; Mulheres Grávidas; Plantas Medicinais.

Abstract

This article aims to analyze practices of using home remedies, based on medicinal plants, by women from the community of Rio Japiim Grande, in the municipality of Limoeiro do Ajuru, Pará, with special attention to pregnancy and the puerperium. This is qualitative research, based on participant observation, semi-structured interviews, using oral history techniques and methods. The study highlights the wealth of knowledge of women from the riverside community of the Japiim Grande River regarding the properties, methods of preparation, and specific uses of medicinal plants, demonstrating the relevance of their ancestral knowledge in maintaining community life and health. It also highlights the resilience of these traditional care practices, based on the use of herbs and plants, in the face of the effects of the colonial legacy that still operate in Brazilian society.

Keywords: Traditional Knowledge; Pregnant Women; Medicinal Plants.

Introdução

O uso de plantas e ervas para tratar doenças é um saber tradicional que faz parte da cultura dos mais diversos povos, é uma prática ancestral que vem existindo e sendo reinventada ao longo dos anos, uma vez que as civilizações mais antigas utilizavam as plantas para curar e tratar enfermidades. De acordo com Banóski (2002), desde os primórdios os seres humanos mantêm uma relação de dependência, pois é dela que ele tira o essencial para sua sobrevivência. Portanto, o uso de ervas para fins medicinais remota há um passado muito distante. “Muito antes de surgir a escrita o homem já usava ervas para fins alimentares e Medicinais” (Banóski, 2002, p. 1).

O uso de plantas medicinais, como prática terapêutica, é central em comunidades tradicionais, como nos lugarejos ribeirinhos da Amazônia, onde o acesso aos serviços de saúde é precário, e os saberes locais ainda resistem como estratégias de cuidado e cura. Saberes, muitas vezes, relegados ao plano da informalidade, que constituem conhecimentos complexos, compartilhados de uma geração para outra, vinculados à experiência cotidiana com a natureza (Pinto, 2010).

Desta forma, o presente artigo tem por objetivo analisar as práticas de uso de plantas medicinais por mulheres da comunidade do Rio Japiim Grande, no município de Limoeiro do Ajuru, região da Amazônia Tocantina, no Pará, com atenção especial à gravidez e ao puerpério, evidenciando o protagonismo de mulheres ricas, conforme enfatiza Pinto (2010), mais conhecidas como “mulheres de dons” e agentes da saúde comunitária, que cuidam da sua gente com remédios caseiros feitos de ervas, óleos, seivas, raízes, flores e frutos medicinais.

A comunidade do Rio Japiim Grande está situada no município de Limoeiro do Ajuru, no Pará, pertencente à microrregião do Baixo Tocantins. Trata-se de uma comunidade ribeirinha banhada por águas fluviais (ver figura 1), com modo de vida diretamente relacionado ao rio (Almeida, 2010).

A população que habita as margens do rio Japiim Grande está dispersa de ambos os lados ao decorrer da extensão do rio, de acordo com o censo demográfico, realizado pelo IBGE/2022, residem nesta comunidade aproximadamente 150 habitantes (IBGE, 2023).

Figura 1 - Mapa da Comunidade do Rio Japiim Grande



Fonte: Elaboração da Pesquisa de Clara R. Felix, 2025.

Em termos metodológicos, este estudo foi constituído através de pesquisa bibliográfica, quando se estabeleceu diálogos com obras de autores, que abordam temáticas relacionadas ao uso de plantas medicinais, medicina tradicional, comunidades ribeirinhas, gênero e oralidade, dentre os quais se destaca: Banoski (2002), Duarte *et al.* (2017), Pinto (2010), S. Pinto (2018), entre outros.

Da mesma forma, realizamos pesquisa de campo na comunidade do rio Japiim Grande, onde foram entrevistadas três mulheres, com idades entre 47 a 77 anos, com diferentes ocupações, como por exemplo: técnica de enfermagem, pescadora e agricultora. Deve-se ressaltar que todas as mulheres entrevistadas assinaram o Termo de Esclarecimento de Consentimento e Livre Esclarecimento (TCLE), autorizando suas falas e imagens neste trabalho.

Neste sentido, participaram como entrevistadas na pesquisa que originou este estudo as seguintes mulheres: Benedita Costa Farias, popularmente conhecida como tia Bena, 77 anos, mãe de 10 filhos, aposentada, pertencente a religião católica; Elizeth Farias de Farias, 49 anos, é filha da tia Bena, mãe de uma filha, ocupa a função de técnica de enfermagem na cidade de São Sebastião da Boa Vista/PA, é pertencente a religião católica; Ivaneide Santana Pinheiro, mais conhecida como Neide, tem 47 anos de idade, casada, não tem filhos, pertencente a religião evangélica.

“Médicas da Terra” em Conexão com a Natureza: O Uso de Plantas Medicinais por Mulheres Ribeirinhas

Para a execução deste trabalho adotou-se uma abordagem qualitativa de cunho etnográfica, baseada na escuta sensível e nas narrativas das colaboradoras/entrevistadas, com ênfase na história oral. Segundo afirma Godoy (1995), a pesquisa qualitativa permite compreender os fenômenos sociais a partir da perspectiva dos sujeitos e do contexto em que estão inseridos. Tal abordagem permite ao pesquisador um contato direto com a realidade investigada, sendo a entrevista uma estratégia essencial para a investigação qualitativa.

Logo, o saber tradicional no uso de plantas e ervas medicinais, pode ser analisado por meio da pesquisa qualitativa, uma vez que trabalhamos com vivências, experiências, memórias sociais e narrativas orais das moradoras da comunidade do Rio Japiim Grande, para analisar e interpretar os laços culturais que penetram as práticas tradicionais realizadas por elas nos meios sociais onde atuam.

Segundo afirma Godoy a pesquisa do tipo qualitativa:

Não procura enumerar e / ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesse amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy, 1995, p. 58).

A história oral, por outro lado, conforme Portelli (1997, 2016), é uma fonte de pesquisa que possibilita conhecermos e investigarmos para além daqueles que são considerados como grandes acontecimentos históricos, valorizando a memória como fonte legítima de conhecimento histórico. Ela oportuniza voz a sujeitos historicamente silenciados, permitindo a reconstituição de experiências que não constam nos registros oficiais. As narrativas aqui colhidas revelam não apenas informações, mas também sentimentos, valores e interpretações de mundo.

a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-las, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada um. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele (Portelli, 1997, p. 13).

As narrativas orais, coletadas ao longo das entrevistas com as colaboradoras deste estudo, representam vozes de mulheres ricas de saberes tradicionais relacionados ao uso de

plantas medicinais e suas especificidades, sabedorias que estão preservados na memória e nas experiências cotidianas, que podem ser evocadas e observadas através das falas, nas práticas diárias, nas vivências e nos gestuais corpóreos das pessoas.

O Uso de Ervas Medicinais como Saber Ancestral

O aproveitamento de espécies vegetais, utilizadas pelas pessoas para tratar e curar doenças é uma prática milenar, que sempre se fez presente no modo de vida dos grupos humanos. S. Pinto (2018), ao fazer um histórico a respeito do uso de plantas medicinais, afirma que os recursos naturais fazem parte da vida de homens e mulheres, que a humanidade desde o princípio utiliza os recursos da natureza para sua sobrevivência, cujos conhecimentos vêm sendo aprimorados, fundamentalmente, os relacionados aos elementos naturais, como por exemplo, as propriedades das plantas, “A humanidade, para ampliar seu conhecimento, usou desde a pré-história, a intuição e analogia, fazendo assim um caminho sábio para descobrir a utilidade de cada elemento natural, dentre eles, as plantas” (S. Pinto, 2018, p 35). Para esta autora, a natureza se tornou aliada dos seres humanos, e a relação do indivíduo com natureza é de criação e recriação, a fim de aprimorar as habilidades no uso de plantas medicinais.

Essa “relação se intensificava cada vez mais ao longo da história, à medida que novas dificuldades iam surgindo” (S. Pinto, 2018, p. 33). Esses saberes adquiridos ao longo dos séculos, foram deixados para as posterioridades como “essa herança fitoterápica”, que sobrevive e está presente no modo de vida das mais variadas sociedades.

Banóski (2002), em seu texto “*Ervas Medicinais*”, faz referências as civilizações mais antigas que faziam o uso de plantas medicinais para tratar suas enfermidades, em uma época em que a indústria farmacêutica ainda não havia se desenvolvido e o manuseio das mais variadas ervas/plantas se mostrava de suma importância para preservação e manutenção da vida. Deste modo, povos como gregos, romanos, egípcios e babilônios, nativos existentes na América, já utilizavam plantas terapêuticas para tratar as enfermidades do corpo e da alma desde os tempos mais remotos.

Os documentos médicos mais antigos se referem às propriedades medicinais das plantas, como o caso de um tratado médico datado de 3.700 a.C., da China, escrito por Shen Wung, um imperador sábio, que fazia experiências com as plantas “para cada enfermidade havia uma planta que seria um remédio natural” (Banóski, 2002, p. 4).

“Médicas da Terra” em Conexão com a Natureza: O Uso de Plantas Medicinais por Mulheres Ribeirinhas

Desta forma, a Grécia foi uma das civilizações do mundo antigo que ficou conhecida pelos seus saberes medicinais do uso de plantas. Conforme menciona Banóski (2002), por volta do Século V a. C. Hipócrates, homem grego, considerado o pai da medicina, fazia referência a respeito dos bons hábitos, considerados essenciais para manutenção da vida: “a dieta, os hábitos higiênicos do corpo e da mente eram sempre baseados em ervas e em princípios filosóficos” (Banóski, 2002, p. 5). Para Hipócrates a natureza oferecia ao homem recurso essenciais para sua sobrevivência. Esses conhecimentos e princípios filosóficos de Hipócrates são usados até os dias atuais como juramento pelos médicos.

Segundo afirma Cunha (2007), além dos gregos, os romanos também ficaram conhecidos pelos seus conhecimentos da natureza, dando destaque para dois médicos, Dioscórides e Galeno, que em suas viagens pelas províncias romanas colecionaram variados tipos de plantas medicinais. Dioscórides, médico do imperador Nero, ao acompanhar o exército romanos por diversos lugares, como por exemplo a Península Ibérica, norte da África e a Síria, anotou informação sobre a diversidade de plantas desses lugares. No século I d.C. escreveu um tratado, intitulado, “De Materia Médica”, que chegou ao Ocidente e espalhou-se pela Europa, o qual se tornou por longos anos a principal fonte de informações médicas. Cunha (2007), afirma:

o tratado “De Materia Medica” que representa um marco histórico no conhecimento de numerosos fármacos, muitos dos quais ainda hoje são usados. Nele, se descrevem cerca de 600 produtos de origem vegetal, animal e mineral, com indicações sobre o seu uso médico. Foi tal a projeção da obra de Dioscórides que, tendo sido escrita no ano 78 da nossa era, passa a ser usada, como guia de ensino, no mundo 1 romano e no árabe, continuando em vigor até finais da Idade Média, pois ainda no século XV, são feitas cópias em latim dessa obra (Cunha, 2007, p. 1).

Enquanto, o médico Galeno, segundo menciona Banóski (2002), cuidou da saúde de Marco Aurélio, Cômodo e dois outros imperadores. Galeno era fisiologista, estudava o funcionamento do corpo humano, investigando sua reação e adaptação a diferentes condições e estímulos, “um de seus maiores feitos foi à descoberta de um método de separar os princípios ativos de uma planta denominado galênico, que é usado até hoje” (Banóski, 2002, p. 6-7).

Sherlyane Pinto (2018), traz informações de que na Índia, por volta de 5.000 a.C. o reconhecimento do uso de plantas medicinais para tratar doenças já teria iniciado e o uso de ervas era bastante praticado pelos indianos nos cuidados com a saúde. A referida autora

afirma que “alguns livros de origem indiana traziam anotações importantes a respeito das plantas medicinais, mostrando instruções de preparo das substâncias distintas à cura dos sofrimentos humanos” (S. Pinto, 2018, p. 35).

A civilização egípcia, muito antes de Cristo se destacava pelos seus saberes em manusear diversas ervas, tanto para fins alimentícios e cosméticos, como para fins medicinais, a relação dos egípcios com a natureza envolvia questões religiosas, assim como os gregos acreditavam nos deuses da natureza, os egípcios do mesmo modo estabeleciam uma relação sagrada com a natureza e com o poder sagrado que os elementos da natureza representavam.

Os egípcios acreditavam na vida após a morte, contudo isso só aconteceria se o corpo do indivíduo estivesse em bom estado. Deste modo, eles “desenvolveram a arte de embalsamar cadáveres para preservar os corpos da deterioração” e se destacaram pela realização da prática do embalsamamento (S. Pinto, 2018).

A prática do embalsamamento é também conhecida como mumificação; e para desenvolvê-la os egípcios “experimentaram muitas plantas, cujas experiências e sabedorias curativas estavam desde a formulação de venenos aos processos de conservação de Defuntos” (S. Pinto, 2018, p. 36). Além do seu uso para embalsamar cadáveres, as plantas com propriedades curativas também eram utilizadas pelos egípcios para tratar doenças, tanto as físicas, como as da alma.

Deste modo, as sociedades humanas carregam no seu intelecto desde a antiguidade um vasto conhecimento do ambiente em que vivem, possibilitando a troca de informações com o meio ao qual estão inseridas. “Neste acervo, encontra-se inserido o conhecimento relativo ao mundo vegetal com o qual estas sociedades estão em contato” (Argenta *et al.*, 2011, p. 52).

Desta forma, observa-se que o saber tradicional do uso de plantas medicinais sempre esteve presente nas mais variadas sociedades do mundo, bem como nas sociedades ancestrais existentes na América antes mesmo da invasão europeia. As populações nativas de toda América possuíam um arcabouço de sabedorias relacionadas ao uso de plantas, sua sabedoria ancestral e sua relação com a natureza lhes possibilitava ampliar seus saberes.

Banoski (2002) afirma que no México, no atual Estados Unidos, bem como nas regiões que se tornaram a América espanhola, populações nativas utilizavam ervas para fins

“Médicas da Terra” em Conexão com a Natureza: O Uso de Plantas Medicinais por Mulheres Ribeirinhas

medicinais. Os primeiros registros sobre plantas medicinais na América foram feitos por um médico mexicano, “chamado Juan Badianus. Sua origem índia e seus conhecimentos da cultura indígena” e seus escritos se tornaram muito procurados por estudiosos (Banoski, 2002, p. 9).

No território que hoje denominamos Brasil, os indígenas que habitavam/habitam estas terras utilizavam plantas, ervas, raízes, com propriedades terapêuticas para tratar as doenças da sua gente. O contato direto que exerciam com a natureza lhes permitiam conhecer a propriedade de uma variedade de plantas, possibilitando saber qual delas poderiam usar no momento de necessidade e para qual enfermidade cada uma serviria.

Historicamente, quando os portugueses aqui chegaram, encontraram índios que usavam urucum para pintar e proteger o corpo das picadas de insetos e também para tingir seus objetos cerâmicos... os índios conheciam todas as ervas necessárias para a cura de suas doenças. Os europeus que chegaram ao Brasil adquiriram o conhecimento das ervas medicinais com os indígenas (Banoski, 2002, p. 10-11).

Deste modo, de acordo com Banoski (2002), os saberes da natureza, exercidos pelos indígenas, entraram em contato com os saberes trazidos por outros povos no processo de colonização, como: africanos e portugueses, os quais foram aprimorados ao decorrer do tempo, e repassado para posterioridade. Deixando para as gerações da atualidade uma herança cultural, que está viva nos modos de vida das mais variadas sociedades.

O uso de plantas medicinais se configura como saberes ancestrais, que vêm sobrevivendo ao longo dos anos, são práticas muito presentes na atualidade, fazendo parte do dia a dia de muitas comunidades ribeirinhas e rurais. Deste modo, segundo afirma Argenta *et al.* (2011), plantas “são usadas como o único recurso terapêutico de uma parcela da população brasileira e de mais de 2/3 da população do planeta” (Argenta *et al.*, 2011). Esse saber tradicional milenar faz parte da identidade das comunidades ribeirinhas do interior da Amazônia, pois carrega consigo aspectos da cultura desses povos, além de desempenhar um papel de suma importância na manutenção da vida. Dessa forma:

as plantas que curam têm auxiliado na prevenção e no cuidado de doenças das pessoas na região da Amazônia Tocantina, onde a natureza fornece a alimentação e ajuda a viver e a sobreviver. Isso porque são folhas, raízes, cascas e frutos que auxiliam no tratamento de diversos tipos de doenças, evitam e previnem o não adoecimento, dado que uma planta pode servir para curar várias doenças nessa região (Gaia; Pinto; Siqueira, 2024, p. 145).

Nas margens de rios e igarapés que compõem a região amazônica, há uma diversidade de comunidades ribeirinhas instaladas, estas comunidades são plurais, ricas em saberes e culturas, e ao mesmo tempo singular; algo que elas apresentam em comum é o saber tradicional do uso de plantas medicinais para tratar e curar doenças, uma prática que faz parte da identidade destes povos.

O uso de plantas para fins curativos tem grande importância nas áreas ribeirinhas, uma vez que o rio se configura como a única via de acesso para diferentes lugares e sedes municipais, neste cenário, a medicina moderna, a dita oficial, acaba sendo restrita em localidades como essas, sendo muitas vezes difícil para os habitantes dessas comunidades o acesso a serviço de saúde de qualidade. Logo, a alternativa viável e confiável disponível, é o uso dos remédios à base de plantas medicinais.

Uso de Plantas Medicinas Pelas Mulheres Ribeirinhas da Comunidade do Rio Japiim Grande

Entende-se por planta medicinal qualquer vegetal produtor de drogas ou de substâncias bioativas, utilizadas direta ou indiretamente como medicamento. Os componentes químicos (ou grupos destes) que constituem os princípios bioativos das drogas não são meros subprodutos do metabolismo secundário das plantas que os produzem. Na verdade, representam propostas químicas dos seus medicamentos de interação com o meio ambiente (Bragança, 1996, p. 16 *apud* Gaia; Pinto; Siqueira, 2024, p. 149).

Na comunidade ribeirinha do Rio Japiim Grande, no município de Limoeiro do Ajuru-PA, o saber tradicional do uso de plantas para tratar e curar enfermidades é uma prática que faz parte do dia a dia da sua gente. A riqueza e variedade de espécies que há no interior da Amazônia são exploradas, manuseadas e usadas de acordo com a propriedade de cada uma e em conformidade com a necessidade. Neste cenário, são as mulheres que ganham grande destaque, pois, na maioria das vezes, são elas que manuseiam plantas e ervas medicinais.

Dessa forma, a prática da cultura popular de lidar com as plantas, nesse caso, sempre foi destacada devido as suas potencialidades terapêuticas aplicadas durante séculos. Desde então, os cuidados com a saúde vêm sendo desenvolvidos, principalmente, pelas mulheres, que utilizavam e utilizam plantas e ervas medicinais para tratar da saúde das pessoas da sua família (Borges, 2021, p. 123).

O manuseio de plantas com propriedades curativas exige toda uma experiência, é preciso saber e conhecer as especificidades de cada planta e para que fim ela pode ser usada, pois nem toda planta pode ser utilizada para fins terapêuticos.

“Médicas da Terra” em Conexão com a Natureza: O Uso de Plantas Medicinais por Mulheres Ribeirinhas

As mulheres que atuam no manuseio de plantas medicinais, denominadas por Pinto (2010) como “mulheres de dons”, carregam na memória vastos saberes dos mais variados tipos de plantas medicinais, formas de manuseio e práticas de preparo, que são usadas de acordo com a necessidade das comunidades onde atuam.

Nos povoados rurais da região do Tocantins, parteiras, curandeiras e benzedadeiras empregam todos os recursos de uma “farmacopéia” multissecular, conhecem mil maneiras de aliviar os pequenos males cotidianos que tantas vezes desarmam medicina douda (Pinto, 2010, p. 296).

As “mulheres de dons”, que também são conhecidas como médicas da terra, são mulheres ricas em saberes, pois aprenderam com suas antepassadas, através da oralidade, da observância, da prática cotidiana, a arte de preparar medicamentos à base de plantas e ervas, que são denominados por elas como “remédios caseiros”, utilizados para tratar e curar as enfermidades da sua gente, pois essas plantas com teores curativos “aliviam os mais diferentes tipos de dores” (Pinto, 2010, p. 263). Tais mulheres são donas de saberes ancestrais, mestras de sabedorias tradicionais, que estão sempre dispostas a ajudar e cuidar dos seus familiares e vizinhos no caso de enfermidades, por isso desempenham papéis fundamentais para a dinâmica social das suas comunidades. De acordo com Pinto (2010, p. 100), elas “são mães, esposas, donas de casa”, que ajudam no dia a dia e a prover o sustento do lar; desempenhando importante papel social e econômico nos locais onde moram.

A medicina tradicional pode ser usada para preservar vida e ajudar até mesmo na geração de novas vidas, que é o caso de mulheres grávidas que buscam nos remédios caseiros o auxílio necessário para manter a gestação e aliviar alguns males, neste cenário o uso da medicina tradicional durante a gravidez e o puerpério é uma prática que tem suas especificidades, uma vez que há remédios caseiros específicos indicados para mulheres grávidas, bem como, a proibição de ingerir certos preparos, pois podem ser prejudiciais para a saúde da mãe e do bebê.

Neste sentido, abordar o uso de plantas medicinais durante a gravidez e o puerpério valoriza ainda mais os saberes das “mulheres de dons” da comunidade ribeirinha do rio Japiim Grande, uma vez que as particularidades do período gestacional exigem um cuidado redobrado.

Saberes e Cuidados no Período Gestacional

A medicina tradicional tem grande valor, proporcionando efeitos benéficos para as populações ribeirinhas e rurais da região da Amazônia Tocantina. Contudo, o uso de plantas e ervas medicinais, assim como os medicamentos modernos, os farmacêuticos, devem ser usados com cuidado, obedecendo indicações específicas, especialmente no caso de mulheres grávidas, uma vez que existem plantas, cujas propriedades terapêuticas podem afetar o desenvolvimento da gravidez, ocasionando resultados negativos.

Foi observado no decorrer da pesquisa através das falas das mulheres entrevistadas, que durante a gravidez, muitas mulheres buscam os remédios caseiros naturais, feitos de plantas e ervas medicinais, para aliviar sintomas comuns dessa fase, como: náuseas, dores e ansiedade. Sem dúvidas, esses tipos de remédios fazem parte de uma prática tradicional utilizada em diversas culturas, uma vez que são valorizados por suas propriedades terapêuticas e pela crença em tratamentos naturais.

No entanto, conforme recomendam as mulheres que foram entrevistadas, é fundamental ter cautela, não se deve utilizar qualquer planta medicinal durante a gestação, pois nesse período da vida o organismo da mulher e o desenvolvimento do bebê são especialmente sensíveis, por isso deve-se ter cautela e cuidado no uso de algumas plantas medicinais, como, por exemplo: boldo (*Peumus boldus*) e arruda (*Ruta graveolens* L), consideradas como abortivas.

Segundo afirmam Duarte *et al.* (2017, p. 127), o período gestacional é marcado por transformações no corpo da mulher, gerando “alterações inerentes a esse processo e que embora estejam dentro da normalidade”, ocasionando certos desconfortos, “como por exemplo náuseas, vômitos e constipação intestinal”, neste cenário é comum buscar meios e medicamentos para gerar o alívio do incômodo.

No entanto, gestantes tem uma série de restrições a medicamentos, não só aos farmacêuticos, como também alguns remédios à base natural, visto que “o uso equivocado de plantas medicinais” pode gerar efeitos negativos, atingindo a formação do bebê, ou até mesmo provocando o aborto (Duarte *et al.*, 2017, p. 127). Deste modo, é necessário conhecer as propriedades terapêuticas das plantas, para desta forma, saber se podem ou não serem usadas por mulheres durante a gravidez.

“Médicas da Terra” em Conexão com a Natureza: O Uso de Plantas Medicinais por Mulheres Ribeirinhas

De modo geral, algumas plantas possuem efeitos benéficos e são consideradas seguras, mas há orientação para serem usadas com moderação. Por outro lado, também existem plantas que podem conter substâncias que provocam contrações uterinas, toxicidade ou reações alérgicas, trazendo riscos ao feto e à gestante. Daí a importância de se considerar a qualidade, a procedência e a dosagem das plantas medicinais, capazes de influenciar diretamente na sua segurança e eficácia.

Desta forma, assim como há remédios caseiros que podem afetar a saúde da grávida e do bebê, existem aqueles que são indicadas exclusivamente para mulheres grávidas, pois tem a função de ajudar a manter a mãe saudável e aliviar os problemas, que podem surgir durante o período gestacional.

Neste cenário, o uso de plantas e ervas medicinais durante a gravidez e o puerpério é um meio eficiente, que tem auxiliado na geração e na manutenção da vida nas mais diversas comunidades tradicionais, onde mulheres, que dominam técnicas de manuseios de plantas e conhecem a propriedade das mais variadas ervas, atuam como médicas da terra, são detentoras de saberes ancestrais tradicionais, possuem conhecimentos a respeito de plantas e ervas que podem, ou não devem ser usadas durante a gestação. Elas conhecem muito bem os remédios que ajudam as mulheres grávidas a manterem uma gestação saudável.

Pinto (2010), ao tratar a respeito de práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina, ressalta os saberes das mulheres que dominam a arte de partejar, e conhecem as propriedades das plantas, com as quais ajudam as mulheres grávidas a viverem o período gestacional, assistindo na hora do parto, além de indicarem os remédios caseiros, que auxiliam na recuperação pós-parto e no crescimento saudável da criança. Desta forma:

Nos povoados rurais da região do Tocantins, parteiras, curandeiras e benzedadeiras empregam todos os recursos de uma “farmacopéia” multissecular, conhecem mil maneiras de aliviar os pequenos males cotidianos que tantas vezes desarmam medicina douda (Pinto, 2010, p. 296).

A autora menciona que, nas comunidades rurais do interior da Amazônia Tocantina, é comum mulheres gestantes utilizarem a medicina tradicional, como auxiliadora para manter-se saudáveis durante esta fase da vida. Deixando evidente que nessas comunidades tradicionais, o uso de plantas medicinais durante a gravidez é uma prática cultural profundamente enraizada, refletindo os conhecimentos ancestrais compartilhados de uma geração para outra (Pinto, 2010).

Desta forma, o uso das plantas medicinais durante esse período é marcado por um equilíbrio cuidadoso entre tradição e cuidado, pois a gestação é vista como um momento sagrado e delicado. As plantas utilizadas geralmente têm funções específicas, como aliviar náuseas, combater infecções, melhorar a circulação ou fortalecer o útero. Exemplos comuns incluem: a camomila (*Matricaria chamomilla*), usada para relaxar e facilitar o sono; o gengibre (*Zingiber officinale Roscoe*), para náuseas; e a erva-doce (*Pimpinella anisum L.*), para cólicas e desconfortos digestivos.

Conforme ressalta Pinto (2010), as “mulheres de dons” são dotadas de conhecimentos, conhecem as propriedades das plantas, para desta forma, tomar todo o cuidado na hora de indicar remédios caseiros para as gestantes. Sendo assim, o uso de plantas medicinais de forma adequada e em doses seguras, podem melhorar a qualidade de vida da gestante, contribuindo para o seu bem-estar físico e emocional.

Neste cenário, no decorrer da pesquisa, buscou-se saber a partir das colaboradoras/entrevistadas, os seus saberes relacionados ao uso de remédios caseiros a base de plantas medicinais durante a gravidez e o puerpério, e quais plantas são indicadas para auxiliar o período da gravidez, bem como as especificidades desse uso.

Dona Benedita Costa Farias, em uma de suas narrativas, relatar seu extenso saber sobre as propriedades das plantas e a especificidade do uso de plantas medicinais durante a gravidez, ela afirma que “O gengibre, a mulher usa para acalmar o enjoo, é muito bom o gengibre, pra fazer banho quando a mulher tá gestante, tira a friadade o inchaço, o banho faz da folha”.

O chá do gengibre (*Zingiber officinale Roscoe*) é um dos remédios indicados para ajudar no alívio do enjoo e vômito. Duarte et al. (2017), considerando literaturas referentes ao uso de plantas medicinais durante a gestação, assim como foi narrado por dona Benedita, também fazem referência ao gengibre, como uma alternativa segura, que pode ser utilizado por mulheres grávidas:

Zingiber officinale Roscoe, Zingiberaceae, conhecida popularmente como gengibre, é uma planta cujo rizoma tem largo emprego alimentar, industrial e medicinal...Com relação às propriedades farmacológicas, o gengibre apresenta um amplo espectro de ação, destacando-se a atividade anti-inflamatória...antimicrobiana e seu uso no tratamento de distúrbios gastrointestinais. Especificamente com relação aos distúrbios gastrointestinais presentes durante o período gestacional, o gengibre demonstra ação farmacológica eficaz no tratamento de náuseas e vômitos... Em geral, todos os experimentos...demonstram ação estatisticamente semelhante a

“Médicas da Terra” em Conexão com a Natureza: O Uso de Plantas Medicinais por Mulheres Ribeirinhas

metoclopramida e a vitamina B6 na redução do enjoo...o tratamento de náuseas e vômitos ocasionados pela gravidez utilizando o gengibre tem se mostrado uma alternativa de baixo custo e segura, não excluindo a necessidade de se realizarem mais estudos clínicos (Duarte et al., 2017, p. 128-29).

O chá do gengibre é um dos remédios caseiros indicados para mulheres grávidas na comunidade do Rio Japiim Grande. Outra planta, que pode ser utilizada no decorrer da gestação, e que, segundo as mulheres entrevistadas, não apresenta riscos, é a couve (*Brassica oleracea*), cujo suco ajuda a prevenir anemia durante a gestação. Corroborando com a fala de dona Benedita, a senhora Ivaneide Santana Pinheiro narra: *“A gente bate a folha do couve com água no liquidificador e fica aquele suco verde, aí toma, é muito bom pra anemia, a mulher grávida pode tomar”*. Contudo, se observa sempre que é necessário ter cuidado com o consumo de remédios caseiros.

Um fator a ser considerado ao indicar um remédio caseiro para uma mulher gestante, é o período de gestação no qual ela se encontra, que também influencia na indicação desses remédios. Visto que os remédios à base de plantas que contém antraquinonas, como: ruibarbo (*Rheum rhaponticum* L.), babosa (*Aloe vera*); ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus*) são vistos com cautela, não podem ser consumidos durante o primeiro trimestre de gravidez.

Visto que, conforme afirmam Duarte et al. (2017), “entre as ações farmacológicas das antraquinonas tem-se indução de contrações uterinas, aumento de fluxo sanguíneo para o útero e anexos, com consequente risco de aborto” (Duarte et al., 2017, p. 129). Nas falas da entrevistada Benedita Farias, podemos identificar o uso do chá da erva-cidreira (*Melissa officinalis*), que só pode ser consumido após os primeiros meses de gestação, porém de forma moderada, com pouca frequência, por ser considerada como uma planta forte, cujo uso desordenado e exagerado pode afetar a formação do bebê e ocasionar contrações uterina, causando aborto:

A erva-cidreira, depois dos primeiros meses a mulher pode tomar de vez em quando, só um pouco, pra ajudar a acalmar (por que só pode tomar depois dos primeiros meses e só de vez enquanto?), porque é uma planta forte, afeta a formação do bebê e leva a mulher sentir contrações, pode causar até aborto (Benedita Costa Farias, 77 anos, moradora do Rio Japiim Grande).

Desta forma, o uso de remédios caseiros, assim como, os medicamentos farmacêuticos, deve ser realizado com cuidado, uma vez que as propriedades terapêuticas das plantas podem conter substâncias capazes de causar riscos à gestação. Por isso, são

comuns as recomendações acerca das plantas e ervas que a mulher grávida deve ou não utilizar, considerando que algumas delas podem provocar má formação fetal ou até mesmo levar ao abortamento. A respeito disso, Duarte *et al.* (2017), afirmam que:

Com relação a toxicidade referente ao potencial teratogênico e abortivo, tem-se espécies vegetais de uso contra indicado durante a gestação, como por exemplo as espécies: arruda (*Ruta graveolens*), boldo (*Peumus boldus*), buchinha (*Luffa operculata*), confrei (*Symphytum officinale*), losna (*Artemisia absinthium*), melão-de-são caetano (*Momordica charantia*) (Duarte *et al.*, 2017, p. 131).

Nestas condições, segundo também afirmam as mulheres entrevistadas na comunidade do Rio Japiim Grande, os remédios que são costumeiramente ingeridos por outras pessoas, como o chá do boldo (*Peumus boldus*), não devem ser usados pelas mulheres no período gestacional, como pode ser percebido na afirmação de Dona Elizeth farias de Farias: *“O chá de boldo não, porque prejudica a criança”*. Dessa forma, a não ingestão desse chá contribui para a prevenção de malformações fetais, redução do risco de aborto e para a preservação do bem-estar e da saúde materna.

Dona Elizeth Farias de Farias, associa os saberes tradicionais de manusear e preparar remédios caseiros como herança herdadas das suas antepassadas, com os conhecimentos científicos, que adquiriu ao longo dos estudos e das experiências no decorrer da sua vivência atuando como técnica de enfermagem. Ela nos contou que quando foi dar à luz a sua filha, não foi possível ter parto normal, sendo necessário se submeter a uma cirurgia cesariana, tendo um pós-parto difícil, devido inflamação no corte dessa cirurgia, e por não poder tomar antibióticos, recorreu ao uso de um remédio caseiro feito com Jucá (*Libidibia férrea*), que foi *“muito bom”* para a sua recuperação:

Quando eu fui ter a Nayla, fiz cesariana, aí depois a cirurgia inflamou e começou a vasar, ficou muitos dias vasando, aí uma pessoa me ensinou a fazer um remédio com jucá, eu fiz; eu lavava o ferimento com jucá. A mulher que tem criança que mama não pode tomar esse remédio, porque o jucá é secante, vai secar o leite, então eu usava ele só pra lavar o ferimento, foi muito bom (Elizeth Farias de Farias, 49 anos, Moradora do rio Japiim Grande).

Nas comunidades ribeirinhas e rurais da Amazônia Tocantina, o uso recorrente de remédios à base de plantas medicinais está presente na vida dessa população, ajudando mulheres durante a gravidez e no pós-parto, por possuir propriedades terapêuticas que aliviam desconfortos, doenças e mal-estar desses períodos.

“Médicas da Terra” em Conexão com a Natureza: O Uso de Plantas Medicinais por Mulheres Ribeirinhas

Dona Ivaneide Santana Pinheiro, ao falar a respeito dos saberes que possui relacionado ao conhecimento de ervas e plantas e a composição dos remédios caseiros feito delas para uso diversos, inclusive durante a gravidez, afirmou: “eu não tenho filho, mas eu sei essas coisas”, fazendo referências a alguns remédios caseiros, que devem ser evitados por mulheres grávidas:

O anador em planta não presta tomar, porque falam que perde a criança...a canela não presta tomar por causa da pressão, pode alterar a pressão e causar muitos problemas, o boldo também não (Ivaneide Santana Pinheiro, 47 anos, Moradora do Rio Japiim Grande).

Os remédios caseiros a base das plantas mencionadas por dona Ivaneide, como anador (*Justicia pectoralis*) e a canela (*Cinnamomum verum*), são exemplos do cuidado que essas médicas da terra possuem com a saúde da sua gente, especialmente a atenção destinada a mulheres grávidas quando vão em busca de auxílio.

Assim sendo, além dos remédios caseiros preparados para uso oral, recorre-se também à utilização de banhos com diferentes plantas e ervas, como pôde ser percebido ao longo das narrativas da dona Benedita Farias, “O banho do gengibre, acaba com o inchaço; banho da folha da Banana santomé seca (*Musa paradisiaca*), é bom pra inchaço, é só colocar a folha de molho e depois a mulher se banha. Do miolo do açaí (*Euterpe oleracea*), pra inchaço”; bem como à produção de unguentos para passar na barriga, através da fomentação, que são massagens feitas na barriga da mulher grávida com infusões feitas de óleos, banhas e seivas extraídas da natureza. Assim como também utilizam compressas de folhas de plantas para aliviar dores, esse processo ajuda no alívio de desconfortos ocasionados pela gravidez.

A partir das falas das mulheres entrevistadas se observa que uso de plantas medicinais durante a gravidez e no puerpério é uma prática recheada de cuidados, limitações, que envolve muitos conhecimentos, pois é preciso conhecer a propriedade medicinal das plantas e a dosagem certa recomendada para cada pessoa, conforme o seu estado de saúde.

Desse modo, a utilização de plantas e ervas durante a gravidez e no puerpério é recorrente entre as mulheres na comunidade do rio Japiim Grande. Contudo, percebe-se que está prática já não é utilizada com tanta frequência como antigamente, como afirmou dona Benedita Costa Farias em uma das suas narrativas: “antigamente era mais evidente o uso de remédios caseiros pelas mulheres grávidas”.

Todavia, ao longo de conversas e nas trocas de informações, as mulheres entrevistadas relatam momento em que usaram algum banho, chá e fomentações, que lhes ajudaram durante o período de gravidez, como é caso da senhora Benedita Farias, que narra momentos em que fez uso de algum remédio a base de plantas:

*A minha mãe fazia pra mim, banho, o banho da borboleta (*Buddleja davidii*), era muito bom pra inchaço; ela fomentava minha barriga, e quando eu sentia dor passava as coisas pelo meu corpo, e a dor acabava (Benedita Costa Farias, 77 anos, Moradora da Comunidade do Rio Japiim Grande).*

Essa fala evidencia episódios no qual dona Benedita Farias tem contatos com os remédios caseiros que eram feitos pela sua mãe, com a finalidade de aliviar seus males durante o período gestacional. Do mesmo modo, dona Elizeth de Farias, que é filha de dona Benedita Farias, conta também que sua mãe fazia banhos e remédios para ela e para as suas irmãs:

*A mamãe fazia pra mim o banho da folha da borboleta, aí eu tomava, e não tinha nada ver: aí eu chupava muita laranja da terra (*Citrus aurantium*), que dizia que é muito bom por casa de abomina, as minhas pernas desinchavam, meus pés. O suco da beterraba (*Beta vulgaris* L) por conta da anemia (Elizeth Farias de Farias, 49 anos, Moradora do rio Japiim Grande).*

Contudo, se percebeu no decorrer da pesquisa (ao longo de conversas informais com mulheres da comunidade), que algumas mulheres não se sentem à vontade para assumir que utilizaram/utilizam remédios caseiros durante a gravidez, pois ficam com vergonha e receio da reação daqueles que a ouve. Isso é devido a uma espécie de olhar preconceituoso direcionado às mulheres que dominam a arte de partejar associando as suas práticas ao uso de remédios caseiros durante a gravidez.

Entende-se que o preconceito e discriminação destinado ao saber tradicional do uso de plantas medicinais por mulheres é um dos reflexos do colonialismo, ainda impregnado no imaginário dos indivíduos, afirmando que todo saber, prática, e manifestação que se difere daquela dita oficial e científica, são inferiores, desumanas e sem significados.

Segundo afirmam Carvalho, Guerra e Tomas (2021, p. 88), “a violência do período colonial, no entanto, não se resumiu aos aspectos econômicos e políticos: ela se materializou também na forma de uma violência simbólica, na supressão da cultura e do imaginário dos povos subjugados”. Mesmo que o colonialismo tenha terminado com a independência dos

“Médicas da Terra” em Conexão com a Natureza: O Uso de Plantas Medicinais por Mulheres Ribeirinhas

países dominados, todavia ele deixou sua herança, a colonialidade. “A colonialidade emerge do colonialismo e apresenta-se de forma duradoura na estrutura dos países independentes da América e da África” (Carvalho; Guerra; Tomas, 2021, p. 88), tendo como função invalidar:

[...] outras formas de produção de conhecimento, que não aquelas produzidas na Europa. Ao mesmo tempo em que silencia e invalida os “conhecimentos outros”, o europeu afirma suas formas de validação do conhecimento, suas teorias e paradigmas como “verdades universais” (Carvalho; Guerra; Tomas, 2021, p. 89).

Desta forma, a herança do período colonial reflete na sociedade atual, influenciando para que pessoas não se identifiquem e assumam suas identidades, e nem valorizem saberes e práticas que fazem parte da sua cultura, mesmo que as pratiquem, como acontece nas povoações tradicionais da Amazônia Tocantina.

Todavia, diante desta subjugação histórica implantada desde o período colonial, grupos e coletivos populares permanecem fazendo resistência. Como enfatiza Silva (2024), as práticas e saberes tradicionais permanecem existindo e resistindo, se reafirmando e avançando contra o preconceito, formas de subjugação e inferiorização, pois “as práticas e as sabedorias ancestrais dos Chiquitanos e de outros povos da floresta não estão descoladas de suas imaterialidades, existem aspectos históricos, culturais e religiosos”, que as envolvem e contribuem para a construção da sua existência (Silva, 2024, p. 93).

As mulheres da comunidade do Rio Japiim Grande representam essa resistência viva, elas são as guardiãs de saberes ancestrais, que se articulam com a vida cotidiana, no cuidado com os outros e na preservação da memória coletiva, que está impregnada nas práticas e experiências frequentes de manipulação, feitura e uso de remédios caseiros com plantas e ervas medicinais, para cuidar, tanto da saúde das mulheres grávidas, quanto dos seus filhos e dos demais habitantes desse lugarejo ribeirinho amazônico.

Considerações Finais

O saber tradicional do uso de plantas medicinais pelas mulheres da comunidade do Rio Japiim Grande é uma herança ancestral viva, que perpassa as gerações como forma de cuidado, resistência e pertencimento. As práticas dessas mulheres revelam uma epistemologia própria, baseada na observação, na conexão e vivência com a natureza, cujo compartilhamento ocorre através da oralidade e da experiência cotidiana.

Desta forma, o uso de plantas medicinais é uma prática, que ocorre nas experiências históricas culturais e na vivência diária das pessoas na referida comunidade ribeirinha, onde

as mulheres ocupam papéis centrais como detentoras e transmissoras desses saberes. Segundo afirma Pinto (2010), essas mulheres são as “mulheres de dons” ou “médicas da terra”, que conhecem os ciclos naturais, os modos de preparo para curar diferentes doenças.

Assim sendo, a utilização da medicina tradicional, baseada no uso de plantas, ervas, raízes, durante a gravidez e no puerpério, é uma prática recorrente entre as mulheres da comunidade do rio Japiim Grande. Ao valorizar essas práticas, reafirmamos a importância da escuta das mulheres ribeirinhas como protagonistas da saúde comunitária nos lugares onde atuam, e assim vão ensinando, aprendendo, cuidado da sua gente, aprimorando suas técnicas de manejo e preparo das infusões feitas com plantas, folhas, raízes, sementes, seivas, óleos para cuidar das doenças da sua gente, em um processo de resistência e autoafirmação da identidade sociocultural.

Referências

ALMEIDA, Rogério. Amazônia, Pará e o mundo das águas do Baixo Tocantins. **Estudos avançados** 24, (68), p. 291-298, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/SjrQ9BqjDpRtD4ndNnNfxcM/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

ARGENTA, Scheila Crestanello et al. Plantas medicinais: Cultura Popular Versus Ciência.

Vivências, V.7, N.12: p.51-60, Maio/2011. Disponível em:

<https://www.ccs.ufpb.br/nepfhf/contents/documentos/artigos/fitoterapia/plantas-medicinais-cultural-popular-versus-ciencia.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024.

BANÓSKI, Solange Aparecida. **Ervas medicinais**. [s.l.], 2002. Disponível em:

http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/_3__ERVAS_MEDICINAIS__SOLANGE_APARECIDA_BANOSKI.pdf. Acesso em: 5 ago. 2024.

BORGES, Lediane Silva. **História, memórias, educação e existência**: entre saberes e fazeres do/no Quilombo de Bailique Centro, Município Oeiras do Pará. 2021. 161 f. Dissertação

(Mestrado em Educação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, Universidade federal do Pará, Cametá, PA, 2021. Disponível em:

<https://ppgeduc.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/159-dissertacoes-finais-turma-2015> . Acesso em: 22 nov. 2024.

CARVALHO, Daniel; GUERRA, Marcia. THOMAZ, Hyago. Reflexões sobre práticas

pedagógicas decoloniais. In: COSTA, Ricardo Cesar Rocha et al. (org.). **Decolonialidade,**

Educação e Antirracismo - Rio de Janeiro: IFRJ, 2021. p. 85-99. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/517588588/Decolonialidade-Educacao-e-Antirracismo-VERS-FINAL>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CUNHA, António Proença da. **Aspectos históricos sobre plantas medicinais, seus**

constituintes activos e fitoterapia. Coimbra, Portugal, 2007. Disponível em:

http://www.ppmac.org/sites/default/files/aspectos_historicos.pdf. Acesso em: 6 fev. 2025.

“Médicas da Terra” em Conexão com a Natureza: O Uso de Plantas Medicinais por Mulheres Ribeirinhas

DUARTE, Ana Flávia Schvabe et al. O Uso de Plantas Medicinais Durante a Gravidez e Amamentação. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v.18, n.4, p. 126-139, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/55983/34825>. Acesso em: 10 maio 2025.

EMBRAPA. **Nomes científicos de plantas, algas, fungos, bactérias e protistas** – Portal Embrapa. – DF, setembro, 2019. Disponível em: <https://www.embrapa.br/manual-de-producao-editorial/nomes-cientificos-e-comuns>. Acesso em: 14 maio. 2025.

GAIA, Daniela Daniele Rodrigues. PINTO, Benedita Celeste de Moraes. SIQUEIRA, Renata Ferreira. Fazeres e saberes de mulheres que se utilizam de plantas medicinais em práticas de curas na Amazônia tocantina no Pará. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 25, p. 143-156, jan./jun.,2024. Disponível em: 16839-56079-1-SM.pdf. Aceso em: 19 nov. 2024.

GODOY, Arilda schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>. Acesso em: 23 nov. 2024.

Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2025.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **“Filhas da mata”**: prática e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina / Benedita de Celeste de Moraes Pinto. Belém: Açai, 2010.

PINTO, Sherlyane Louzada. **Plantas medicinais**: Saberes, Práticas e Ensinaamentos Presentes na Vivência de Antigos Moradores da Cidade de Cametá-PA. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, Universidade federal do Pará, Cametá, PA, 2018. Disponível em: <https://ppgeduc.prospesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/639-dissertacoes-de-mestrado-em-educacao-e-cultura-turma-2021>. Acesso em: 25 nov. 2024.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral Como Arte da Esculta**. 1ª ed. Letra e Vozes, 2016.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Revista do programa de estudos pós-graduados em História**, PUC-SP, n. 15, abr. 1997.

SILVA, Elidiane Martins de Brito. **Benzeção, saberes e re-existência do povo indígena Chiquitano no espaço urbano de Porto Esperidião-MT**. 2024. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2024. Disponível em: https://ri.ufmt.br/browse?type=program&sort_by=1&order=ASC&rpp=20&etal=1&value=Programa+de+P%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3o+em+Educa%C3%A7%C3%A3o&offset=0. Acesso em: 10 out. 2024.

Sobre as autoras

Benedita Celeste de Moraes Pinto

Doutora em História Social pela PUC/SP (2004). Mestre em História Social pela PUC/SP (1999). Licenciada plena e Bacharel em História pela UFPA (1995). Atualmente, é professora Adjunto A da Universidade Federal do Pará, lotada no Campus Universitário do Tocantins/Cametá, atuando na Faculdade de História do Tocantins (FACHTO) e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC). Possui estágio Pós Doutoral em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT pelo PROCAD Amazônia – CAPES (2019).

E-mail: celpinto18@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9450-5461>

Clara Rízia Pinheiro Felix

Licenciada em História pela Universidade Federal do Pará (2023). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira, e Mestranda em Educação e Cultura pela Universidade Federal do Pará (PPGEDUC/UFPA). Participante do Grupo de Pesquisa História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (HELRA) (CNPq/UFPA). Participante do Grupo De Pesquisa Quilombos e Mocambeiros: história da resistência negra na Amazônia (QUIMOHRENA) (CNPq/UFPA).

E-mail: criziapf@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7756-9928>

Recebido em: 04/10/2025

Aceito para publicação em: 31/10/2025